

# BOLETIM DE CONJUNTURA

79

# 2014

## 4º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

**A P I C C A P S**

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO  
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

Tal como as empresas previam, o último trimestre de 2014 foi marcado pelo abrandamento da conjuntura setorial, com uma tendência de redução na produção, na carteira de encomendas e, no mercado nacional, nos preços. No entanto, as empresas continuam a considerar que o estado dos negócios é globalmente satisfatório e continuaram mesmo a aumentar os seus níveis de emprego.

Para o início de 2015, as perspetivas são de prolongamento desta fase de abrandamento da conjuntura, nomeadamente ao nível da produção e encomendas, em linha aliás com as previsões macroeconómicas de um crescimento bastante débil nos principais mercados do calçado português. Consequentemente, as empresas apontam agora para a estabilização do emprego no setor, embora acreditem que o estado dos negócios permanecerá suficiente. As empresas de maior dimensão e as mais orientadas para os mercados internacionais mostram-se mais otimistas do que as restantes.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO  
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

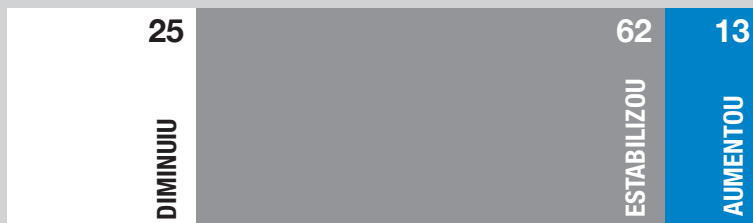
Com o apoio do programa COMPETE

**Coordenação Técnica**

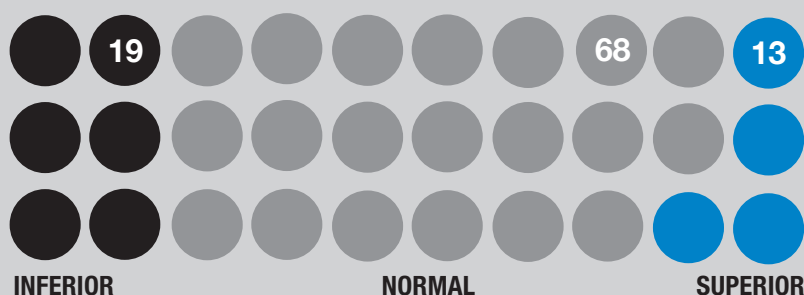
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da  
Universidade Católica Portuguesa, Porto

# Produção

Em linha com as previsões formuladas pelos inquiridos no número anterior deste boletim, no último trimestre de 2014 registou-se um abrandamento da atividade no setor do calçado: embora quase dois terços das empresas afirmem que o seu nível de produção não se alterou face ao terceiro trimestre, as que afirmam que diminuiu excedem em 12 pontos percentuais (p.p.) as que dizem que aumentou. Esta tendência de redução foi menos acentuada entre as empresas de maior dimensão e entre as que vendem predominantemente coleção própria.



# Utilização da Capacidade



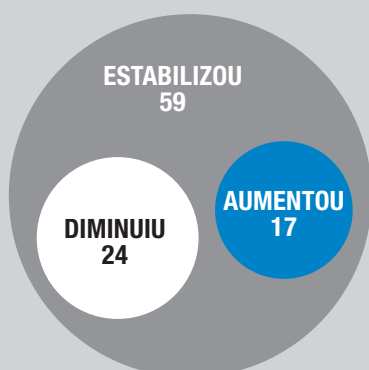
Mais de dois terços das empresas (68%) encerraram 2014 com níveis de utilização da capacidade produtiva normais para a época do ano. O saldo de respostas extremas (s.r.e.) entre as que afirmam que a utilização de capacidade esteve, respetivamente, acima e abaixo do normal foi negativo em 6 p.p., valor muito semelhante ao que se tem registado no último ano e meio. A utilização da capacidade é mais intensa nas maiores empresas, nas que exportam uma maior percentagem da produção e nas que se dedicam mais à coleção própria.

# Carteira de Encomendas

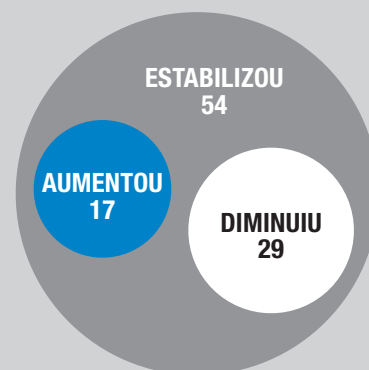
A evolução das encomendas no final do ano anterior foi semelhante à da produção, com a maioria dos inquiridos (59%) a dizerem que se mantiveram estáveis mas mais empresas a afirmarem que diminuiriam do que aumentaram (s.r.e -7 p.p.). Corrigidos os efeitos da sazonalidade, esta variável mantém-se, no entanto, positiva e a um dos níveis mais altos dos últimos três anos.

Relativamente às encomendas do estrangeiro, embora a maioria das empresas (54%) afirmem também que a carteira de encomendas estabilizou, o saldo de respostas extremas é mais negativo (-12 p.p.). Esta evolução não apresenta relação bem definida com nenhuma das características das empresas considerada na análise (dimensão, vocação exportadora, peso da coleção própria nas vendas).

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



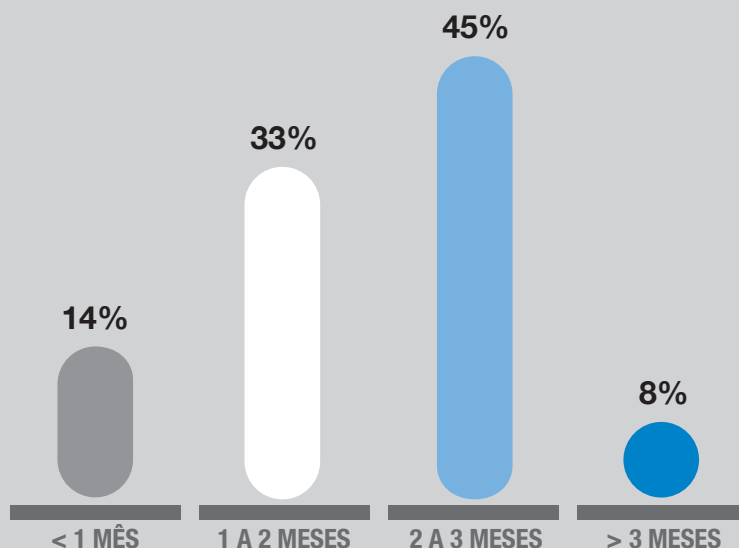
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



# Horizonte

## PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

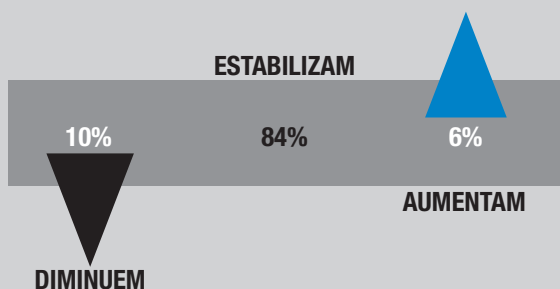
A percentagem de empresas que dizem ter menos de um mês de produção assegurada pela carteira de encomendas aumentou ligeiramente, de 10% para 14%, estando agora ao nível mais alto dos últimos dois anos. No entanto, 45% dos inquiridos dizem ter dois a três meses de produção assegurada e 33% têm um a dois meses. Nesta matéria, a situação continua a ser mais favorável entre as empresas de maior dimensão e mais orientadas para os mercados externos.



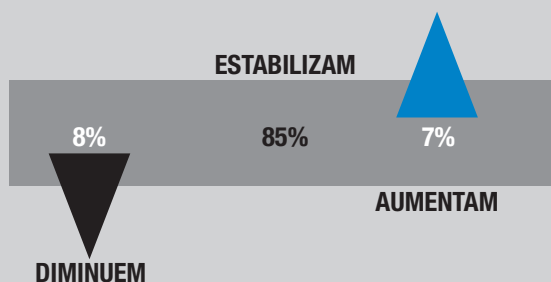
# Preços

Num momento em que a perspetiva de deflação parece estar a tornar-se real, as empresas de calçado que consideram que, no último trimestre de 2014, os preços em Portugal desceram excedem em 4 pontos percentuais as que declaram o contrário. É a primeira vez, nos últimos dois anos, que este saldo é negativo. No entanto, 84% das empresas apontam para a estabilidade dos preços. Relativamente aos preços no estrangeiro, o s.r.e. é menor, apenas -1 p.p.

## EM PORTUGAL



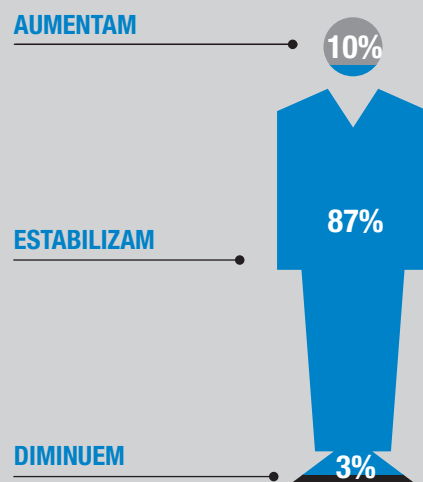
## NO ESTRANGEIRO



# Pessoas ao serviço

## EVOLUÇÃO DO EMPREGO

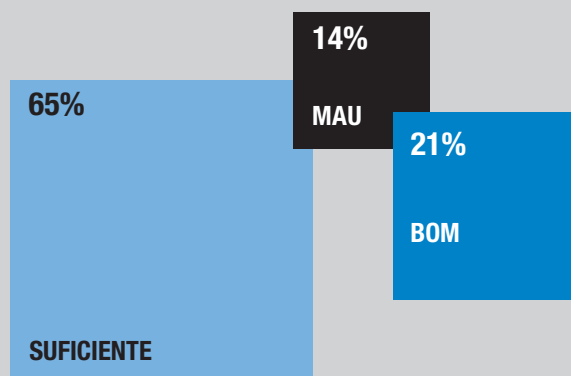
Apesar do abrandamento da atividade patente nas respostas anteriores, as empresas que dizem ter reforçado os seus quadros de pessoal excedem as que dizem ter feito o oposto em 7 pontos percentuais, completando dois anos em que este saldo se manteve permanentemente positivo, facto sem precedentes nos 20 anos de história deste boletim de conjuntura. É nas empresas mais exportadoras que se concentra a maioria das indicações de aumento do número de pessoas ao serviço.



# Estado dos negócios

A apreciação que as empresas fazem do estado dos negócios mantém-se também positiva: dois terços dos inquiridos afirmam que o estado dos negócios é suficiente e, entre os restantes, os que consideram que é bom excedem em 7 p.p. os que pensam que é mau, resultado que está em linha com as previsões formuladas no trimestre anterior. Completam-se assim, também dois anos de saldos positivos nesta matéria.

As opiniões das empresas são mais repartidas quanto à comparação entre o atual estado dos negócios e o que se verificava no final de 2013: quase metade (48%) pensa que a situação permanece relativamente inalterada e o número das que entendem que melhorou (28%) excede apenas ligeiramente o das que pensam que piorou (24%).



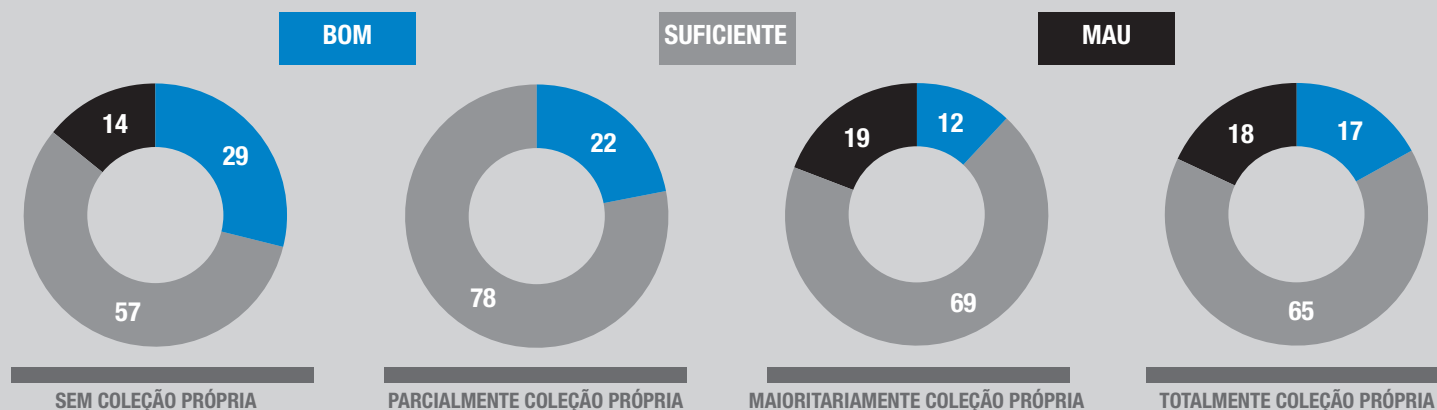
## PERÍODO HOMÓLOGO



## I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas

A opinião sobre o estado dos negócios está positivamente relacionada com a orientação para os mercados externos: a percentagem de empresas que entendem que o estado dos negócios é bom é tanto maior quanto maior a vocação exportadora e é apenas entre as empresas que se dedicam exclusivamente à exportação que o saldo de respostas

extremas é positivo (sendo nulo nas outras classes de vocação exportadora). A opinião sobre a conjuntura é também mais favorável entre as empresas para quem a coleção própria é menos representativa e entre as que empregam mais de 250 pessoas.



# Limitações à produção

O abrandamento da conjuntura patente nas respostas anteriores reflete-se nas limitações e dificuldades mencionadas pelas empresas inquiridas.

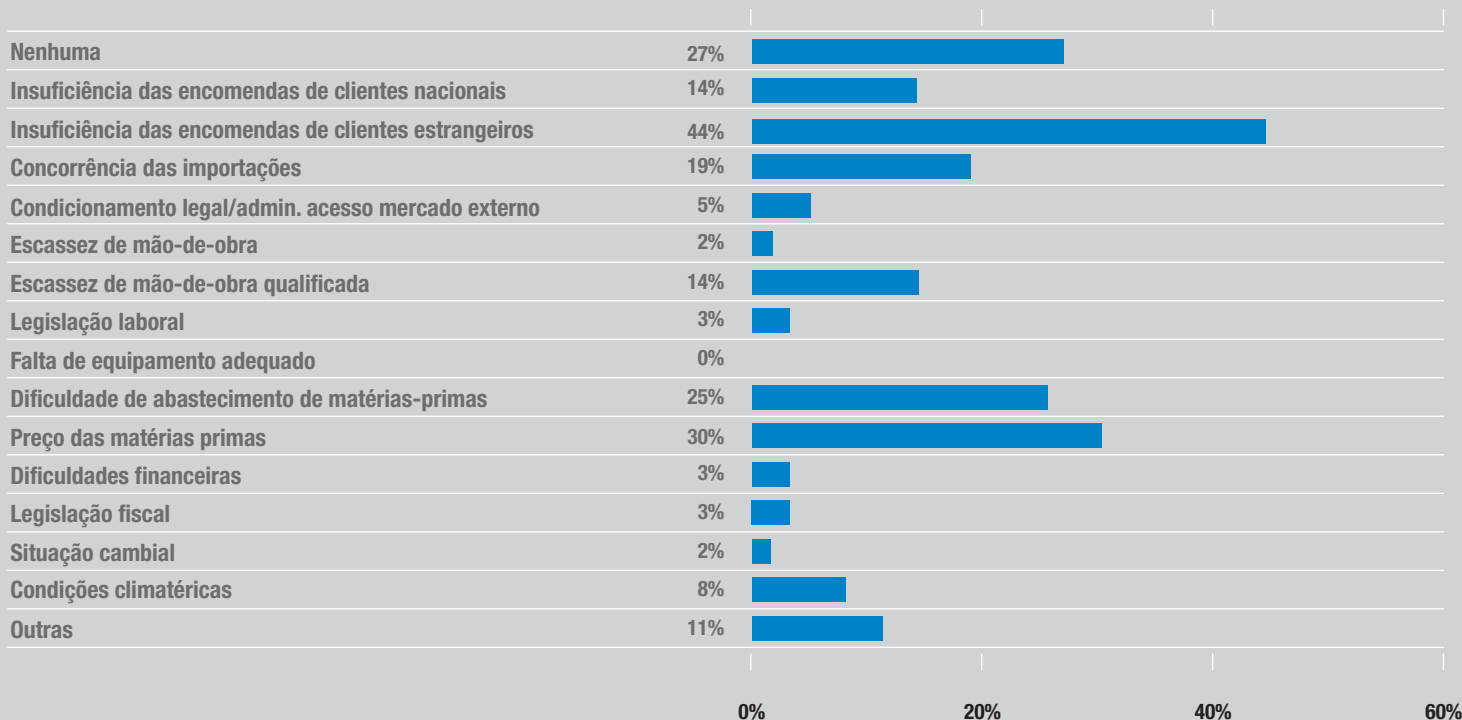
As referências a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros aumentaram para 44%, consolidando a sua posição como principal dificuldade do setor. No entanto, registou-se uma ligeira diminuição no número de empresas que dizem ter dificuldades decorrentes da insuficiência de encomendas de clientes nacionais ou da concorrência de importações.

Em contrapartida, diminuíram acentuadamente as referências a diversos tipos de dificuldades relacionadas com o abastecimento em fatores de produção. A percentagem de empresas que dizem debater-se com falta de mão-de-obra caiu, de 6% para 2%, e as que se

queixam da falta de mão-de-obra qualificada de 24% para 14%. As referências a este tipo de dificuldades estão concentradas nas empresas mais orientadas para os mercados externos. Também as referências a problemas com as matérias-primas se reduziram: as empresas que diziam ter dificuldades de abastecimento diminuíram abruptamente, de 40% para 25%, e mesmo as referências ao preço das matérias-primas caíram de 37% para 30%. São, no entanto, questões que preocupam menos as empresas que se dedicam exclusivamente à venda de coleção própria do que as restantes.

Entre os restantes fatores sobre os quais as empresas são inquiridas, destaca-se o considerável aumento no número de empresas preocupadas com as condições climáticas (de 2% para 8%) e com outras dificuldades não especificadas.

Ao arpejo dos sinais de abrandamento da conjuntura patentes noutros indicadores, a percentagem de empresas que afirmam não enfrentar nenhuma dificuldade aumentou para 27%, o segundo resultado mais elevado dos últimos 4 anos. Esta resposta é particularmente frequente entre as empresas de maior dimensão e mais orientadas para os mercados externos.



# Tendências da produção

As perspetivas formuladas pelos inquiridos apontam para que o 1º trimestre de 2015 prolongue a tendência de abrandamento da atividade verificada no final de 2014: embora 60% das empresas acreditem que a produção

permaneça estável, as que preveem que diminua excedem as que pensam que aumentará em 14 p.p. Entre as maiores empresas e as que se dedicam exclusivamente à exportação, o s.r.e. permanece, no entanto, positivo.

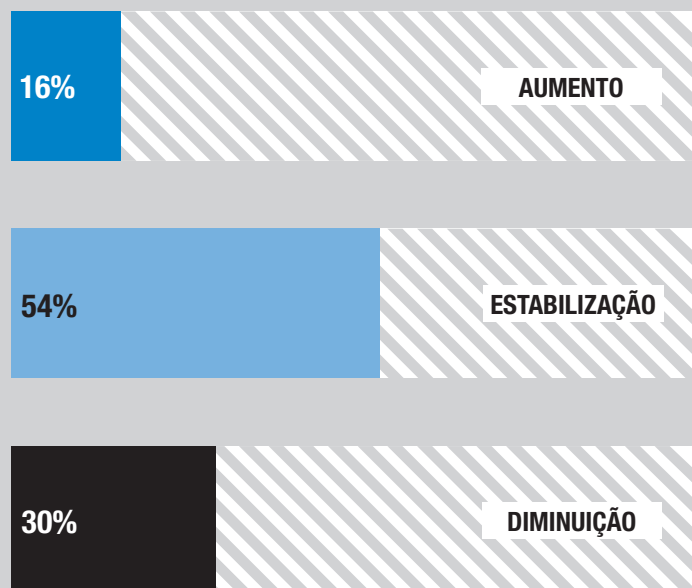


# Perspectivas de encomendas

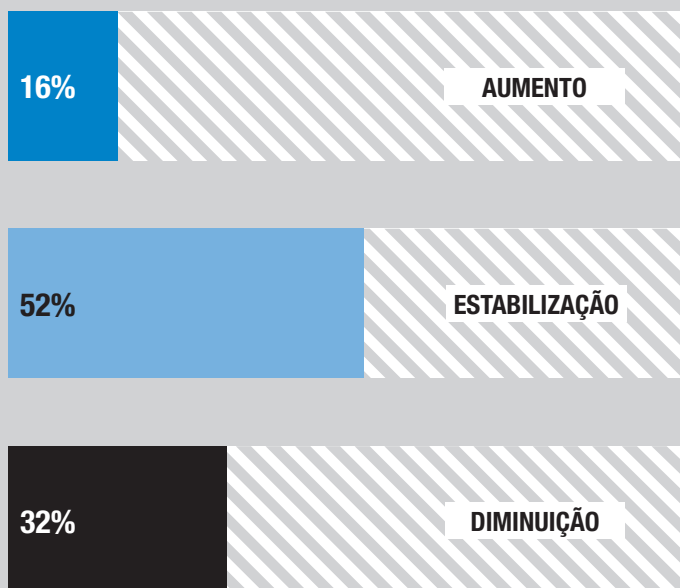
As perspetivas relativas às encomendas são semelhantes, com a maioria das empresas a acreditarem que permanecerão estáveis mas as que receiam que diminuam a superarem as que esperam que aumentem. Este saldo de respostas extremas é de -14 p.p. quanto à carteira global de encomendas e de -16 p.p. relativamente às encomendas

do estrangeiro. Trata-se, em ambos os casos, da previsão menos favorável desde o final de 2011. Tal como no que respeita à produção, as empresas de maior dimensão e mais orientadas para os mercados externos mostram-se mais otimistas, apresentando s.r.e. positivos, assim acontecendo também com as que dependem menos de coleção própria.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

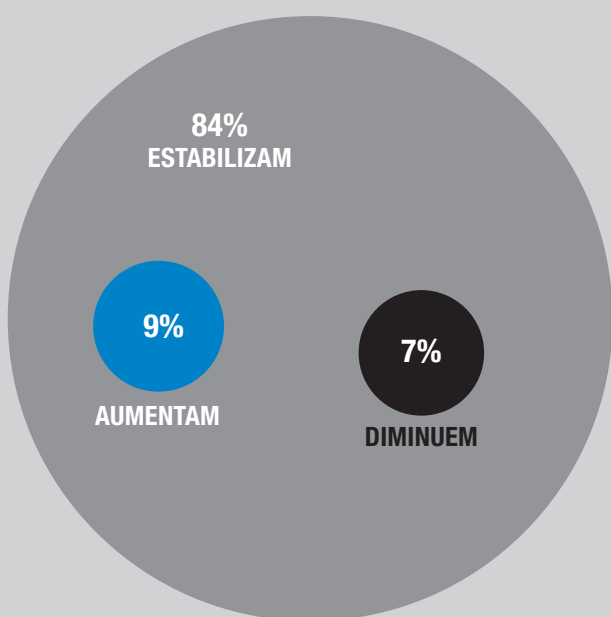


# Perspetivas de preços de venda

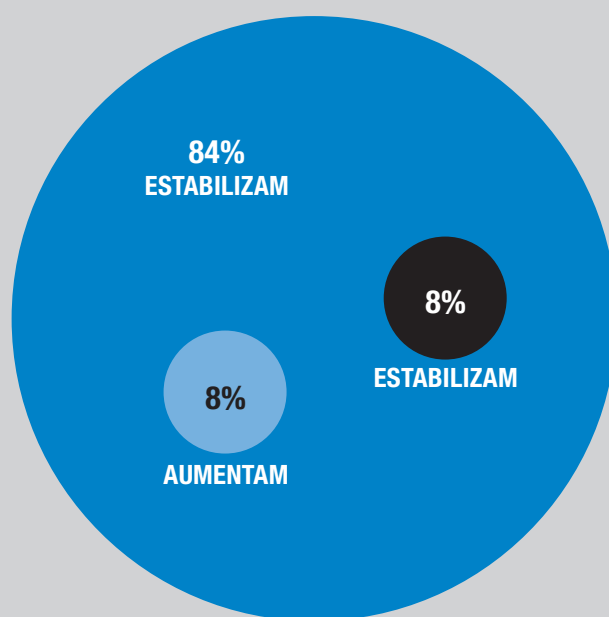
Depois da tendência de quebra verificada no final do ano anterior, as empresas que preveem uma subida, em Portugal, excedem ligeiramente as que apontam para a descida (s.r.e +2 p.p.) mas a larga maioria (84%) admite

a sua estabilidade. Quanto aos preços no estrangeiro, a percentagem de empresas a prever a estabilidade é idêntica mas as restantes repartem-se por igual entre as opções de subida e descida.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

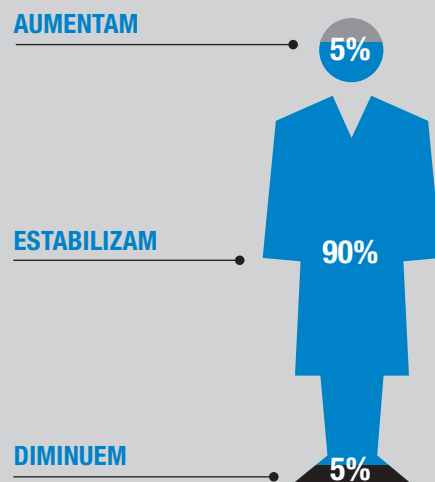


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



# Perspetivas sobre o emprego

A tendência de abrandamento da conjuntura começa a refletir-se no mercado de trabalho. Depois de um prolongado período de aumento do emprego na indústria, as perspetivas formuladas apontam para que, no primeiro trimestre de 2015, o emprego estabilize: 90% das empresas preveem que assim acontecerá e as restantes repartem-se por igual entre as indicações de aumento e de diminuição do número de pessoas ao seu serviço. Entre as maiores empresas e as mais exportadoras, o s.r.e. permanece, no entanto, positivo.

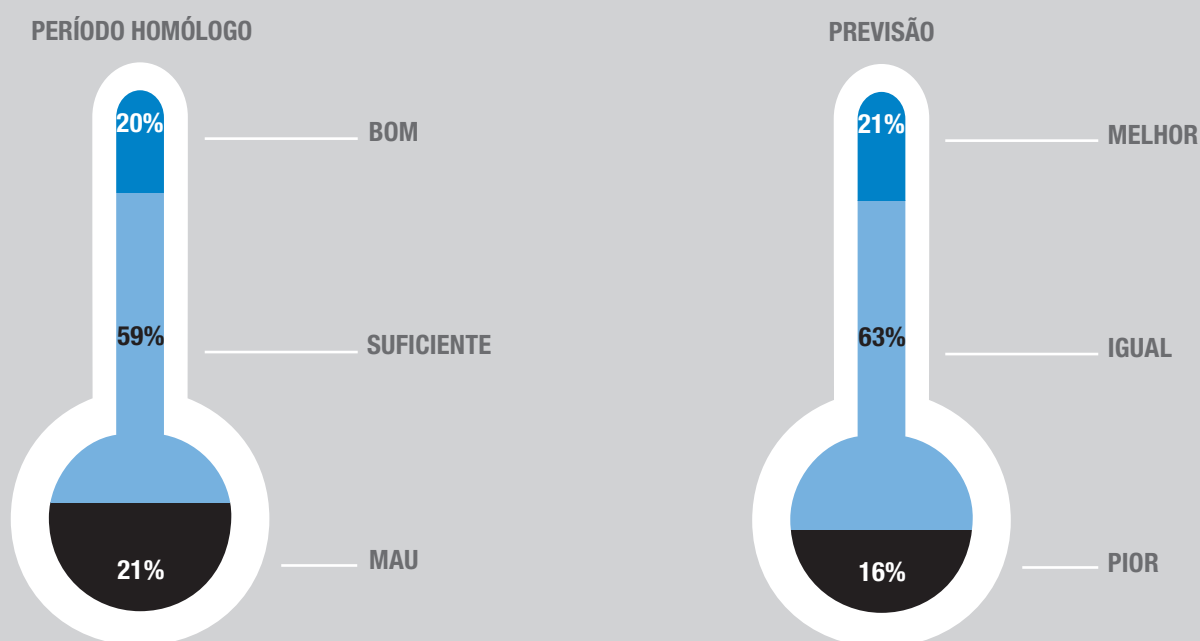




# Perspetiva sobre o estado dos negócios

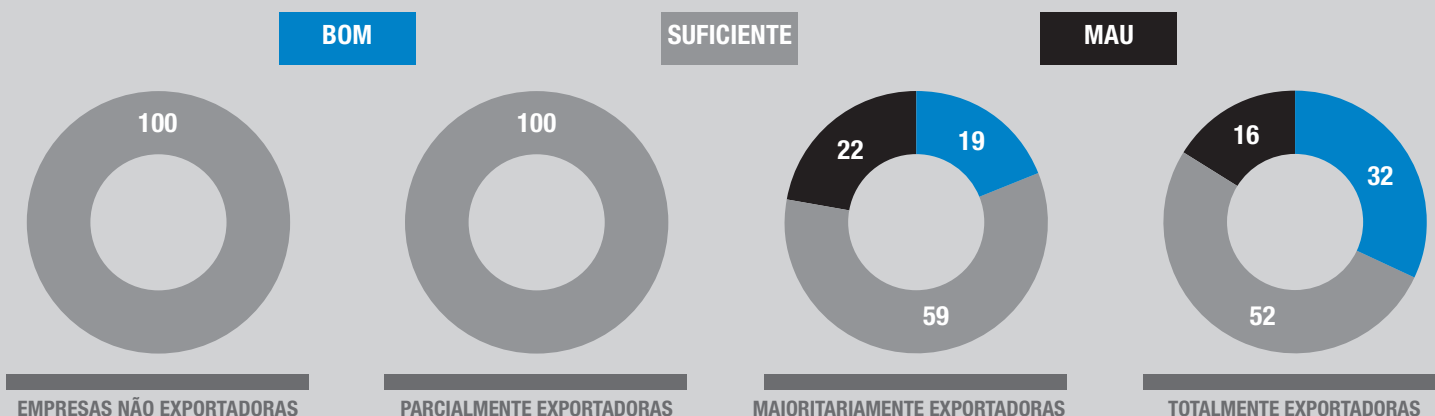
Os sinais de deterioração da conjuntura patentes nos indicadores anteriores devem ser interpretados tendo em conta que se seguem a um longo período de evolução positiva: de facto, quase dois terços das empresas preveem que o estado dos negócios no início de 2015 permaneça suficiente e as que acreditam que seja bom continuam a superar as que receiam que seja mau (s.r.e +5 p.p.).

No entanto, traduzindo o abrandamento em curso, os inquiridos que pensam que o estado dos negócios ficará aquém do verificado no início do ano anterior excedem ligeiramente os que pensam que a situação melhorou (s.r.e. -1 p.p.). A maioria das empresas (59%) pensa, contudo, que a situação permanecerá inalterada.



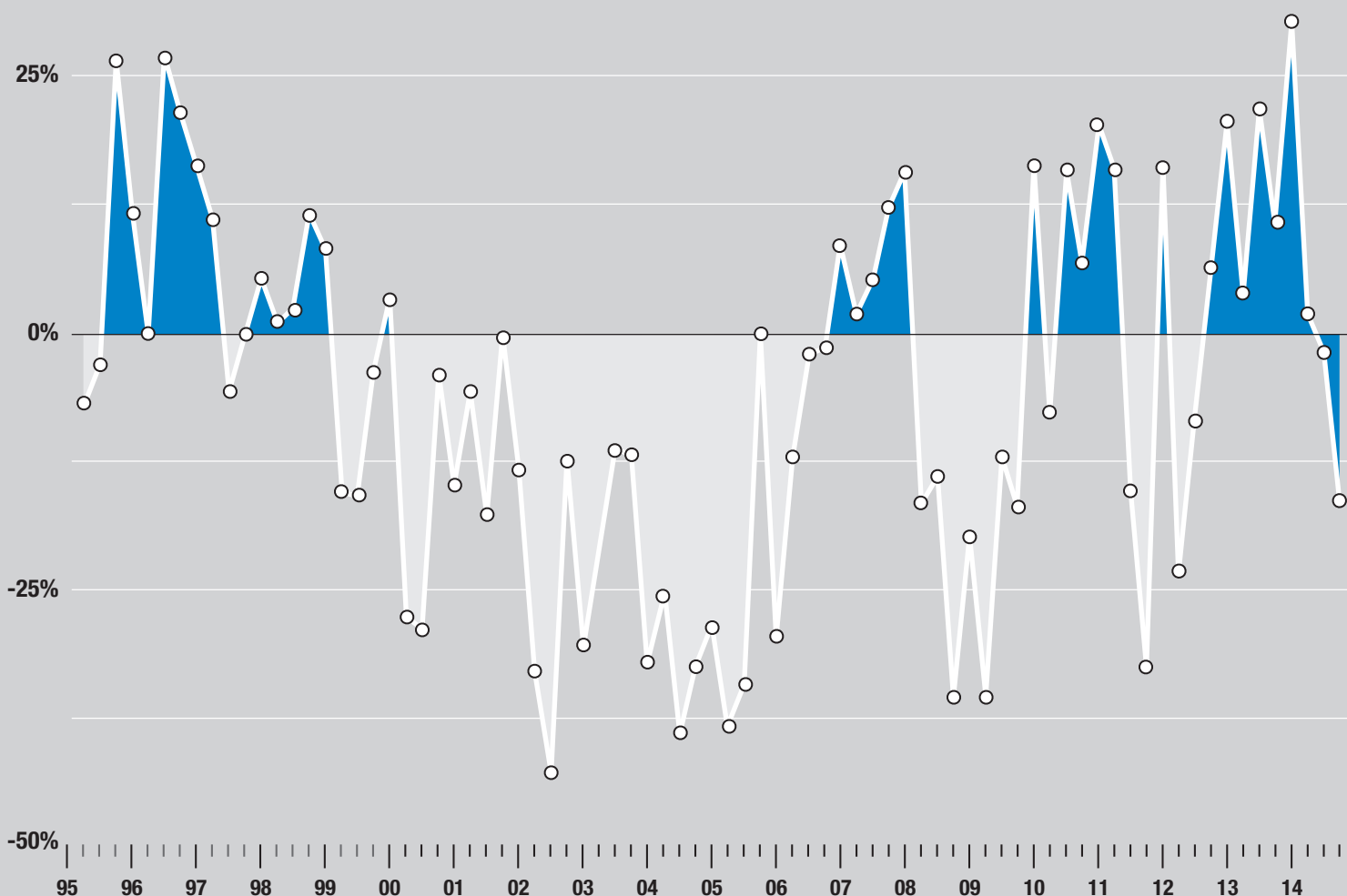
## Apuramento dos resultados

**Apuramento dos resultados por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.** Como acontece relativamente a várias das questões anteriores, as perspetivas de evolução do estado dos negócios permanecem claramente positivas entre as empresas de maior dimensão (s.r.e. +83 p.p.), entre as que se dedicam exclusivamente à exportação (s.r.e. +16 p.p.) e entre as que não têm coleção própria (s.r.e. +19 p.p.). As empresas orientadas para o mercado português são unânimes na previsão de um estado dos negócios suficiente.



# Indicador de Síntese Expectativas Empresariais

O sentido tendencialmente negativo das perspectivas formuladas na maioria dos itens sobre os quais as empresas são inquiridas traduz-se num significativo agravamento do indicador síntese de expectativas empresariais, que passa de um valor marginalmente negativo, no trimestre anterior, para -16 p.p., agora. Trata-se do terceiro trimestre consecutivo de degradação deste indicador que atinge assim o nível mais baixo dos últimos dois anos.



As dificuldades que as empresas preveem para o primeiro trimestre de 2015 são muito semelhantes às que experimentaram no final de 2014. A insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros continua a liderar as preocupações setoriais, sendo mencionada por 44% dos inquiridos. Também a insuficiência de encomendas de clientes nacionais se poderá acentuar (19% de referências).

A preocupação com o preço das matérias-primas é mencionada por um terço das empresas, percentagem superior à das que dizem ter enfrentado problema desse tipo no trimestre agora terminado. Em contrapartida, as empresas não esperam que as dificuldades de abastecimento de matérias-primas se acentuem. Não existem também alterações significativas quanto às restantes limitações sobre que as empresas são inquiridas.

---

# Notas de Conjuntura

Na sua Síntese Económica de Conjuntura de dezembro de 2014, o Instituto Nacional de Estatística dá conta de um abrandamento nos sinais de recuperação que a economia portuguesa vinha a demonstrar nos últimos meses:

“Em Portugal, o indicador de clima económico, já disponível para o mês de dezembro, diminuiu de forma ténue nos últimos dois meses, após estabilizar no valor mais elevado desde julho de 2008. O indicador de atividade económica diminuiu entre setembro e novembro, de forma mais significativa no último mês e os Indicadores de Curto Prazo (ICP) apresentaram sinais negativos sobre a evolução da atividade na indústria, na construção e obras públicas e em setores de serviços. O indicador quantitativo do consumo privado apresentou um crescimento homólogo menos expressivo em novembro, refletindo o abrandamento do consumo corrente. (...) Relativamente ao comércio internacional de bens, em termos nominais, as exportações e importações apresentaram variações homólogas de 4,2% e 3,6% em novembro, respetivamente (4,1% e 2,1% no mês anterior). (...) De acordo com as estimativas mensais do Inquérito ao Emprego, a taxa de desemprego (15 a 74 anos), ajustada de sazonalidade, aumentou de 13,6% em outubro para 13,9% em novembro. (...) Em 2014, o Índice de Preços no Consumidor (IPC) apresentou uma variação média anual de -0,3% (0,3% em 2013) devido sobretudo ao contributo negativo dos preços dos produtos alimentares não transformados e energéticos.”

Instituto Nacional de Estatística, Síntese Económica de Conjuntura – dezembro 2014

No final de janeiro, o Fundo Monetário Internacional publicou a sua primeira apreciação à economia portuguesa depois de encerrado o programa de ajustamento:

“Os diretores executivos constaram que Portugal terminou o seu programa suportado pela UE-FMI em junho com o acesso aos mercados de dívida soberana restaurado e um forte registo de implementação de políticas, tendo iniciado reformas para remover antigas barreiras estruturais ao crescimento e à criação de emprego. Os diretores verificaram que a economia emergiu de uma profunda recessão e que o desemprego está a declinar rapidamente, ao mesmo tempo que se conseguiu uma substancial consolidação fiscal e o grande défice da balança corrente existente antes da crise se transformou num superavit.

Apesar deste louváveis feitos, os diretores notaram que Portugal continua a enfrentar desafios significativos, agravados por uma envolvente externa pouco dinâmica. Alertaram contra um abrandamento do ímpeto reformista e apelaram a esforços para revigorar as reformas estruturais destinadas a reorientar a economia para maior investimento e exportação, reconstruir o stock de capital da economia e absorver o significativo excedente de trabalho, para criar as fundações para crescimento sustentável e inclusivo.”

Fundo Monetário Internacional, Press Release No. 15/23, Janeiro 2015\*

Também em Janeiro, o FMI publicou uma atualização das suas perspetivas para a economia mundial. O Fundo prevê que o crescimento da economia mundial seja de 3,5%, em 2015, e 3,7%, em 2016, percentagens, em ambos os casos, inferiores em três décimas de ponto percentual às suas previsões de Outubro. Para a área euro, as previsões são mais débeis, de apenas 1,2% e 1,4%. Neste contexto, o crescimento comparativamente alto previsto para Espanha, 2,0% e 1,8%, pode ser uma boa notícia para a economia portuguesa. Com taxas de crescimento robustas de 3,6% e 3,3%, a economia americana continua a ser a principal locomotiva da economia mundial. Fora das economias avançadas, o crescimento na China deve abrandar (6,8% e 6,3%), o Brasil deve permanecer quase estagnado (0,3% e 1,5%) e a economia russa deve registar uma contração (-3,0% e -1,0%). Segundo o FMI:

“O crescimento global receberá um estímulo dos preços do petróleo mais baixos, que em grande medida reflete uma oferta mais elevada. Mas prevê-se que este estímulo seja mais do que compensado por fatores negativos, incluindo a debilidade do investimento enquanto em muitas economias avançadas e economias emergentes de mercado continua o ajustamento a expectativas mais reduzidas para o crescimento a médio prazo.

A distribuição dos riscos para o crescimento global é mais equilibrada do que em Outubro. O principal risco positivo é o de um maior estímulo decorrente de preços do petróleo mais baixos, embora haja incerteza quanto à persistência do choque na oferta de petróleo. Os riscos negativos estão relacionados com alterações no sentimento e volatilidade dos mercados financeiros globais (...). A estagnação e a baixa inflação permanecem preocupações na área euro e no Japão.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook (WEO) Update, Janeiro 2015\*

**PORTU  
GUESE  
SHOES**  
DESIGNED BY  
THE FUTURE



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional